

Texto 4

Um pouco mais de Louis Braille a partir de suas Cartas

Ana Cristina Zenun Hildebrandt

Valeria Conde Aljan



Detalhe da lateral esquerda e fundos da Casa Natal de Louis Braille

As comemorações do bicentenário de nascimento de Louis Braille estimulam um olhar mais atento sobre sua vida tão significativa para os cegos, pois o conhecimento do homem Braille demonstra por que foi, justamente ele, a pessoa capaz de oferecer ao mundo o legado de autonomia e crescimento para as pessoas cegas, através do sistema que recebeu seu nome.

A leitura das cartas de Louis Braille ao Dr. Pignier (diretor do Instituto dos Jovens Cegos de 1821 a 1840), republicadas em 2004 pela Fundação Dorina Nowill para Cegos, é um saboroso meio para conhecer-se um pouco mais de sua personalidade, seus gostos e suas preocupações. Elas revelam um Louis vivo — pensando e sentindo, interagindo com seu tempo — e confirmam as observações de seus biógrafos.

Fato digno de nota é o de as cartas terem sido escritas a lápis, com o auxílio de uma régua. A técnica da escrita cursiva é um instrumento de acessibilidade: permite a comunicação entre o indivíduo cego e as pessoas de visão normal, sem que estas necessitem aprender o Sistema Braille. Louis Braille lançava mão de todos os meios disponíveis para expressar-se e informar-se, não dispensando, porém, a independência possível e o respeito às condições de seu interlocutor. Ele inicia a primeira carta (26 de agosto de 1831) dizendo:

Ao escrever-lhe com minhas próprias mãos corro o risco de que não me entenda, mas rogo-lhe que se oriente por meus sentimentos e por minha intenção, pois penso aqui como penso em Paris.

A experiência foi bem sucedida já que a correspondência entre eles foi intensa.

Ousadia e persistência, indispensáveis ao gênio, parecem alimentadas por um fino bom humor. Em 01 de setembro de 1831, Louis declara:

Me alegraria muito, meu querido Senhor Pignier, se o Senhor perdesse apenas um quarto de hora decifrando a primeira página destes garranchos.

A preocupação do professor Louis com os alunos e a Instituição, bem como a confiança recíproca entre ele e o diretor Pignier aparecem na carta de 20 de setembro de 1831. Nela, Braille comenta com Pignier a questão de uma dívida:

A pessoa que deveria pagar-nos trinta francos para cantar está em Dijon desde alguns meses.

Cita vários envolvidos no caso, dando a impressão de que a dívida era para com os alunos da Instituição. Explica que pretendia interferir, mas muda de idéia e afirma:

Acho mais sensato confiar ao Senhor esta causa. Desculpe, Senhor, por ter tomado a liberdade de falar-lhe de algo que só me diz respeito indiretamente.

Em seguida o professor Louis faz suas recomendações, sempre com gentileza e bom humor:

Antes de partir esqueci-me de falar-lhe de Roustant, que poderia ser admitido na classe superior, se o Senhor julgar conveniente. Não me diga: maldito tagarela, você se calará? Apenas uma palavra antes de terminar, para pedir-lhe a admissão dos novos na aula de história.

A amizade, o carinho e o respeito de Louis por Pignier e a relação entre as suas famílias podem ser constatados na despedida da carta de 20 de setembro de 1831:

Receba os respeitos de minha mãe, de meu irmão e os meus. Pedimos também que transmita nossas saudações à Senhorita sua irmã. Tenho a honra de ser seu mui respeitoso aluno.

A propósito, a senhorita Pignier terá sido igualmente amiga de Braille, como pode ser visto no trecho de 22 de outubro de 1833:

(...) Espero passar nosso próximo ano letivo de maneira agradável e útil, aproveitando, sobretudo, da disposição de sua boa irmã, que prometeu ajudar-me em meus estudos.

Nas cartas de 02 a 11 de outubro, destaca-se a preocupação de Braille com a saúde de Pignier.

Cuide-se para desfrutar da companhia de seus filhos. Primeiro, viver, depois, trabalhar. A saúde é um tesouro cujo preço não se conhece até que se o perca.

Peço a Deus que conserve sua saúde e da Senhorita sua irmã.

Saúde, aliás, era uma questão delicada para Louis Braille. Em 22 de outubro de 1833, já tuberculoso, ele lamenta a situação de um companheiro e manifesta seu sentimento quanto à própria enfermidade:

Bodoin está, sem dúvida, na mesma situação que eu, infelizmente! Somos uns coitados, não teremos esta felicidade. A nossa enfermidade não me incomoda tanto quanto a outros, mas nem por isso meu sofrimento é menor.

Não se entregava, no entanto, ao pessimismo. Na mesma carta, comentando o tratamento, faz um apelo bem humorado:

Tudo me faz crer em um futuro satisfatório, principalmente se o meu médico suavizar a dieta severa com a qual me ameaçou. Suplico-lhe que o induza a isso, meu querido Senhor, pois é um de seus amigos.

Braille, mesmo doente ou de férias, mantinha-se ativo e participativo na sua comunidade de origem, como fica demonstrado nos trechos:

Lêem para mim, afino pianos, jogo cartas e xadrez, e me sinto bem. (11 de outubro de 1831)

Dou aulas de canto com as encantadoras "romanzas" que Roissant escolheu para mim com tanta diligência e discernimento.(18 de setembro de 1834).

Era um cidadão conceituado em sua terra natal. Na mesma carta, de 18 de setembro, com seu habitual humor, diz que começa a ficar famoso em Coupvray:

Os Senhores e os curas desta região me cumprimentaram efusivamente pelo que leram no diário das famílias; isto, mais a facilidade de calcular com rapidez a data de cada lua, aumentou muito minha fama na região.

A coletânea das cartas de Louis Braille termina com trechos dirigidos a seus familiares. Louis mostra-se preocupado e afetuoso com sua família. Na carta 10 de setembro de 1847, ele fala para a mãe:

Falta ainda muito tempo para eu revê-la (...) me sentiria feliz se pudesse respirar o ar de nosso campo e passear com a Senhora pelos vinhedos.

Em 15 de novembro de 1848, manifesta satisfação pelas boas condições climáticas para a colheita das uvas, em sua terra, e deixa transparecer melancolia pela doença:

Fiquei feliz porque o tempo estava o melhor possível para a colheita das uvas, mas hoje o sol está muito pálido. (...) Quanto a mim, não saio e, enquanto os parisienses estavam tomando neve nas cabeças quando se dirigiam à festa da Constituição, eu me contentava em ouvir o canhão de minha sala muito bem aquecida.

Sua última carta conhecida foi a de 5 de outubro de 1851, dirigida aos sobrinhos. Aí vemos um tio carinhoso, atento e, como sempre, espirituoso. Nela Braille diz:

Acabei de enviar-lhes, por trem, uma pequena caixa de jujubas. Espero que elas mantenham vocês livres dos resfriados que o inverno lhes trará. Passei, recentemente, três dias em Coupvray, mas já retornei a Paris, de onde não sairei antes do próximo verão.

Esta foi, provavelmente, sua carta de despedida, pois morreria três meses mais tarde, em 06 de janeiro de 1852.

A vida de Louis Braille deve suscitar em todas as pessoas cegas e profissionais que com elas trabalham profundas reflexões. A atenção ao mundo à sua volta, seu desejo de independência, sua capacidade de buscar soluções para as próprias limitações e, sobretudo, a vivacidade com que fazia

questão de opinar em tudo que lhe dissesse respeito constituem um ideal a ser seguido. Ele provou que a vontade e a liberdade das oportunidades, juntamente com coragem e apoio fazem um cidadão perfeitamente integrado em seu grupo social.